



Câmara Municipal  
Vila Real Sto. António

Centro de Investigação e Informação do  
Património de Cacela  
Divisão de Cultura e Educação /  
Subdivisão de Cultura e Património  
Histórico / CMVRSÁ

### NOTA DE EDIÇÃO:

Acaba de sair a 48ª edição de "O Tomilho", último do ano 2023.

A rubrica *Aconteceu...* divulga os últimos passeios do Ciclo Passos Contados e as oficinas e actividades realizadas em Setembro e Outubro.

Esta edição é dedicada ao ofício de sapateiro. A rubrica *Arqueologia e História* apresenta aos leitores uma síntese das origens do sapateiro entre a pré-história e a antiguidade clássica.

As rubricas *Objecto com História* e as *Memórias e Saberes* dão a conhecer a história do sapateiro António Francisco e os objectos associados ao seu ofício, com destaque para a mesa do sapateiro (na primeira rubrica).

E porque estamos em época festiva dedicada aos nossos antepassados e ao S. Martinho, Maria de Fátima Francisco partilha com os leitores a sua receita de Broas dos Santos.

Publicamos ainda o conto "O sapateiro pobre" recolhido no âmbito do projecto das 4 Cidades e alguns provérbios ligados a este ofício.

Para finalizar, damos conhecimento da agenda de actividades para Novembro e Dezembro.

Boas festas, boas leituras e até ...

### NESTA EDIÇÃO:

<b>Percurso Passos Contados</b>	<b>1</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>2</b>
<b>Arqueologia e História</b>	<b>5</b>
<b>Objecto com História</b>	<b>6</b>
<b>Memórias e Saberes</b>	<b>7</b>
<b>Receita</b>	<b>10</b>
<b>Conto</b>	<b>11</b>
<b>Vai acontecer...</b>	<b>12</b>

# O Tomilho

EDIÇÃO BIMENSAL  
NÚMERO 48

NOVEMBRO /  
DEZEMBRO  
2023



SANTA RITA

## PERCURSO PASSOS CONTADOS "MEGALITISMO EM CACELA A PARTIR DO TÚMULO DE SANTA RITA"

Terminou, no passado Domingo dia 5 de Novembro, o ciclo de passeios pedestres de interpretação da paisagem "Passos Contados", com o percurso "Entre os vivos e os mortos. O megalitismo em Cacela a partir do túmulo pré-histórico de Santa Rita".



Ao longo de um percurso até ao túmulo megalítico, um espaço sagrado com uma história ininterrupta de mais de 3000 anos, ficámos a conhecer a sua estrutura arquitectónica, bem como a riqueza e diversidade do espólio arqueológico, com a orientação do arqueólogo Nuno Inácio, responsável pelas escavações em 2007 e 2008.

Percorrendo o território envolvente, compreendemos a forma como a paisagem foi ritualizada e simbolizada pelos seus habitantes durante a pré-história. A nascente do povoado – o mundo dos vivos – que se localizaria onde hoje fica a aldeia de Santa Rita, como atestam os diversos achados pré-históricos aí identificados (mós, machados, pontas de seta, fragmentos de cerâmica...), desenhar-se-ia uma "fronteira" de monumentos funerários (onde se incluem os da Nora e Marcela), que marcavam e delimitavam um espaço sagrado ligado aos antepassados a quem se prestava culto e que simbolicamente mediavam e protegiam o mundo dos vivos.



A partir das informações proporcionadas pela escavação, pelo estudo e análises científicas aos materiais e restos ósseos, ficámos a perceber a estrutura do monumento, que matérias-primas se utilizaram na sua construção; quem eram, como e onde viviam quem o construiu e utilizou; que tipo de relações sociais os ligavam; e como se relacionavam com o território tirando partido dos seus recursos.

Neste passeio procurou-se actualizar os conhecimentos sobre este importante sítio arqueológico, em vias de classificação, antecipando a publicação da monografia "O Túmulo de Santa Rita 3300-400 A.N.E." que se encontra em fase de impressão e que resulta de uma colaboração entre o Grupo de Investigación M.I.D.A.S. Tercer Milenio (Universidade de Huelva), a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e a Direcção Regional de Cultura do Algarve.



## ACONTECEU... PASSOS CONTADOS

### MARQUÊS DE POMBAL E A «AULA DE DESENHO E STUQUE» NA ARQUITECTURA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Realizou-se dia 17 de Setembro, o percurso do ciclo PASSOS CONTADOS sobre “O Marquês de Pombal e a «Aula de desenho e estuque» na arquitectura de Vila Real de Santo António”. Ao longo de um passeio pelas ruas desta cidade única mandada construir de raiz em 1773 pelo Marquês de Pombal conforme os ideias iluministas, debruçamo-nos sobre um aspecto praticamente inédito da história e arquitectura de Vila Real de Santo António, nomeadamente a forma como as fachadas foram enriquecidas pelas marcas deixadas pelos mestres recém formados na «Aula de Desenho e Fábrica de Estuque» criada pelo Marquês de Pombal, após o terramoto de 1755, na sequência de convite a estucadores europeus para colaborarem na reconstrução dos edifícios. Com a orientação da Arquitecta Marta Santos, procurámos compreender como a ornamentação das fachadas perpetua estes saberes-fazeres e continua a marcar de forma profunda a arquitectura desta cidade.

### FÓSSEIS E PEDRAS.

#### VIAGEM A UM TEMPO LONGO A PARTIR DA JAZIDA FOSSILÍFERA DE CACELA

“Fósseis e pedras. Viagem a um tempo longo a partir da jazida fossilífera de Cacela” foi o tema escolhido para o passeio que aconteceu dia 15 de Outubro, no âmbito do ciclo Passos Contados. De reconhecido valor científico e patrimonial, esta jazida está sobretudo exposta nas margens da ribeira de Cacela, onde afloram rochas sedimentares com cerca de 10 milhões de anos, nas quais existe uma grande diversidade de fósseis, merecendo especial destaque as conchas de moluscos bivalves e gastrópodes.

Com o geólogo Hélder Pereira, interpretando o passado à luz do presente, graças à identificação de fósseis de várias espécies típicas de águas quentes, ficámos a saber que a região de Cacela naquela época terá sido banhada por águas bem mais quentes do que as atuais, com temperaturas semelhantes às encontradas hoje em dia nas regiões tropicais.



## ACONTECEU...OFICINAS

### CIANOPIA - IMPRESSÃO DE PLANTAS COM LUZ SOLAR



No dia 24 de Setembro realizou-se no CIIPC, em Santa Rita, a Oficina de Cianotipia, técnica manual da fotografia para imprimir em negativo monocromático, com a utilização de uma emulsão que revela as imagens a partir da luz UV em diferentes tonalidades de azul. Com a orientação de Catarina Candeias, formada em Artes Visuais pela Universidade do Algarve, iniciámo-nos na cianotipia, revelando imagens de plantas com a exposição solar em diferentes suportes (papel e tecido).



### INDIVIDUAL DE MESA EM TRAPOLOGIA



No dia 15 de Outubro, realizou-se na antiga escola primária de Santa Rita uma oficina de trapologia, a arte antiga de juntar ou reaproveitar pedaços de tecidos já usados, dando-lhes uma nova utilidade. Fazia parte do quotidiano das nossas avós que criavam talegos, tapetes, mantas, aproveitando sobras de tecidos, retalhos de roupas já sem uso, combinando cores, texturas e formas ao sabor da vontade e imaginação. A proposta nesta oficina foi criar um individual de mesa em trapologia com a orientação da artesã Maria José Torres, profunda conhecedora das artes da costura.



## MERCADO DE TROCAS

A 19ª Edição do Mercado de Trocas aconteceu em Cacela Velha na manhã do dia 17 de Setembro.



Participantes e visitantes puderam trocar produtos e serviços sem o uso de dinheiro, tal como se fazia noutros tempos. Trocaram-se romãs por brinquedos, livros por ovos, oficinas por artesanato, roupa por mandalas ou batatas-doce por bijuteria, sempre num ambiente de alegria e amizade entre todos.



O mercado de Trocas é organizado pelo Banco Local de Voluntariado e CIIPC do Município de Vila Real de Santo António e pela associação ADRIP.



## MERCADINHO DE OUTONO

Cacela Velha recebeu no dia 5 de Novembro o Mercadinho de Outono, 15 dias depois da data inicialmente prevista em virtude da tempestade ocorrida nesse dia.

Com sol, nuvens e uns pingos de chuva pontuais, o mercadinho contou com a participação de mais de 80 artesãos e produtores alimentares, cerca de 16 vendedores na categoria de 2ª mão e velharias, havendo ainda 4 participantes com petiscos que puderam ser degustados durante o mercadinho. Na animação musical, tivemos o prazer de receber jazz interpretado pelos músicos Frederic Duran e Hubert GroB.



## 1ª EDIÇÃO DA ESCARAPELA DO MILHO



A Associação e Beneficência «A Manta», com o apoio da Câmara Municipal de VRSA, da Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela e da Associação «Os Morcegos», recriou, no Largo São João da Degola, na Manta Rota, a tradição da escarapela do milho no passado dia 16 de Setembro. Feita por várias pessoas do campo, de ambos os sexos e com idades diferentes, esta actividade de grupo consiste na separação da maçaroca do milho (espiga) da palha envolvente e era usualmente praticada nas eiras após a colheita deste cereal.

Este evento contou ainda com a degustação de papas de milho e com a actuação do Grupo Etnográfico «Amigos de Montenegro» e do Grupo Folclórico e Etnográfico da ARPI.

# AS ORIGENS DO SAPATO

## Pré-história, Antigo Egipto e Antiguidade Clássica

Os primeiros sapatos estão ligados à necessidade do homem proteger os seus pés, especialmente numa altura em que, pela sua condição nómada, necessitava se mover por vastas extensões, em terrenos difíceis e climas por vezes hostis.

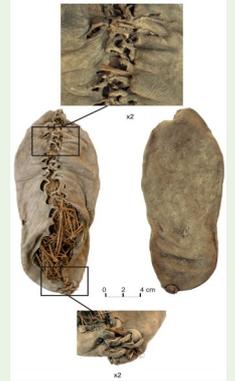
Tendo sido o calçado mais antigo (sapatos, sandálias,...) feito durante a pré-história com materiais vegetais e peles de animais, compreende-se que muito poucos exemplares se tenham conservado até aos nossos dias.



*Sandálias de Esparto, Albuñol*

Porém, tem acontecido que, fruto de condições muito particulares propícias à conservação de materiais orgânicos, alguns exemplares tenham sobrevivido. Referimo-nos por exemplo às sandálias de esparto (matéria prima local ainda utilizada no Algarve para a realização de alcofas) encontradas na Caverna dos Morcegos em Albuñol, Granada que remetem ao período de transição entre os caçadores-recolectores e os agricultores neolíticos. Também

na Arménia foram recentemente identificados numa caverna vestígios de uma bota em pele com ataduras com cerca de 5500 anos.



*Calçado primitivo, Arménia*

Os primeiros sapatos, especialmente em climas mais frios, terão sido feitos de uma

única peça de couro dobrada sobre os pés e atada com recurso a fios. Mais tarde o curtimento das peles



*Sandália de fibra de palmeiras, Tebas*

com óleos ou gorduras de animais e vegetais, tornando-as mais maleáveis, permitiu que as peles fossem cortadas, moldadas e cosidas com agulhas (de marfim de mamutes e osso de animais). Nos climas mais quentes, confeccionaram-se as primeiras sandálias. Em relação ao sapato, eram mais abertas e tinham por base uma sola rija presa ao pé com tiras de couro, tecido ou fibras de matérias vegetais.

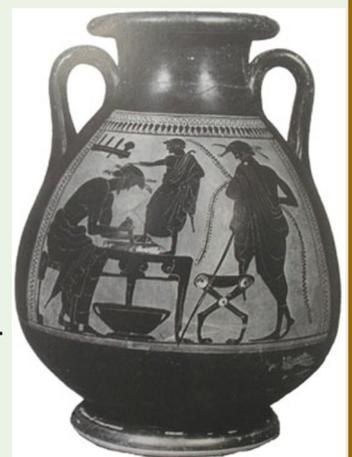
Para além da sua função primeira relacionada com a protecção dos pés, o calçado tornou-se na antiguidade (egípcios, gregos, romanos,...) um diferenciador social. No Antigo Egipto, os mais pobres e os escravos andavam descalços e apenas os mais abastados usavam sandálias com jóias incrustadas.

Na Grécia e em Roma o calçado indicava a classe social e género de quem os usava, diferenciando-se os modelos por cores. Na Grécia, por exemplo, o vermelho púrpura era uma cor exclusiva para homens.

Vasos gregos registam o trabalho dos primeiros sapateiros, homens de grande mestria, cujo trabalho seria já muito valorizado.

Em Roma, os imperadores adornavam as suas sandálias com pedras preciosas e pérolas e, no outro extremo, os escravos estavam proibidos de calçar e as classes mais humildes utilizavam tamancos.

Para além das sandálias, usadas tanto por homens como mulheres, destaca-se, no período romano, a “carbatina”. Usada por quase todos à excepção dos escravos, era feita com couro leve e flexível preso ao pé com tiras de pele.



*Vaso grego com sapateiro a trabalhar, 500 A.C.*

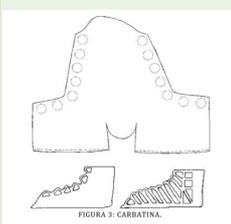
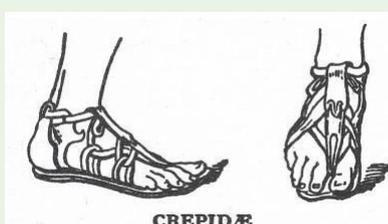


FIGURA 3: CARBATINA.



CREPIDÆ

As mulheres costumavam usar o “soccus”, uma espécie de soca para usar em casa que podia ter várias cores. Gregos e romanos, começaram também a usar botinas que protegiam os tornozelos, de que se destaca a “crépida”, com abertura nos dedos.

## Objecto com História

### MESA DE SAPATEIRO

#### DADOS HISTÓRICOS E CONTEXTO

Mesa de trabalho que pertenceu ao sapateiro António Francisco (1919-1997) nascido na Corte António Martins. É possível que o tenha acompanhado desde que, no início da década de 40, abriu oficina no monte do Salão no Faz Fato (na Serra), onde vivia com a família.

Existem fotografias, da década de 50, que registam o Ti António do Salão a trabalhar na sua mesa, no exterior da casa.

A mesa terá sido mandada fazer, quando se iniciou por conta própria, a um carpinteiro da zona, exactamente para o fim a que destinava, como atestam as divisórias que permitiam a arrumação dos materiais e ferramentas necessários ao ofício.

A mesa foi oferecida pela filha e genro do Sr. António Francisco (Maria de Fátima Francisco e Morais João Domingos) à Associação de Beneficência “A Manta”. Integra actualmente o espólio da exposição “Outros tempos” que abriu ao público em Dezembro de 2018 na antiga escola primária das Cevadeiras. O espaço está actualmente encerrado mas detém colecções de objectos que configuram valiosos registos dos quotidianos e actividades profissionais antigas na freguesia de Vila Nova de Cacela.



#### DESCRIÇÃO E FUNÇÃO



Mesa de madeira de pequenas dimensões onde o sapateiro tinha grande parte das ferramentas com que trabalhava e algumas das matérias-primas.

No cimo da mesa dispõem-se: pedaços de pele e solas (matérias-primas para o fabrico dos sapatos); fita métrica com que tirava as medidas ao pé e às peles; navalhas e facas para o corte das peles e solas; amolador de facas; forma em ferro onde se enfiava o sapato quando se batiam os pregos e brochas com o martelo; cinzeis de solda de metal e madeira; pedaços de vidro para limar; alicate e turquez; creme para cabedal, graxa, tinta e escova para os acabamentos finais.

A este conjunto faltam as formas / moldes de madeira para sapatos, a forma de sapateiro em ferro (a que vemos na mesa pertenceu ao Sr. Francelino), as sovelas (tão identificadoras do ofício utilizadas no acto de coser o sapato). Estes objectos, assim como a máquina de costura do Ti António do Salão, encontram-se ainda na posse da família, actualmente residente no Pocinho.

## Memórias e Saberes

### Profissão: sapateiro.

### A história de um sapateiro cacelense.



Este artigo é dedicado ao ofício de sapateiro tomando como exemplo a história do cacelense António Francisco.

Se hoje temos alguns pares de sapatos no guarda-fatos ou na sapateira, comprados nas sapatarias locais ou em lojas multinacionais em centros comerciais, se recuarmos há 50 anos atrás o cenário era bem diferente.

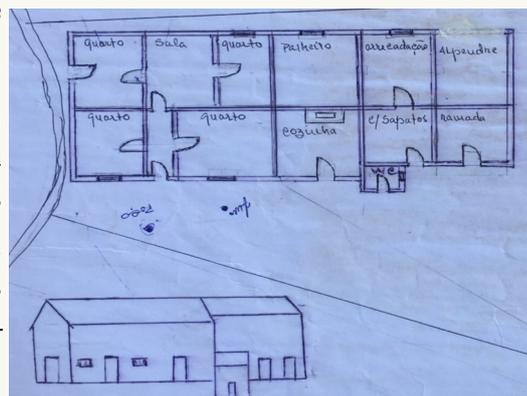
O sapato, que hoje é feito nas indústrias de calçado nacionais e internacionais, com um preço relativamente acessível às famílias, era, até meados do séc. XX, feito sobretudo de forma artesanal, por profissionais da arte de fazer sapatos, os sapateiros. Era um trabalho sobretudo manual realizado por um profissional qualificado responsável por todas as etapas da elaboração do sapato.

Recordar a história de António Francisco é uma forma de lembrar e homenagear esta profissão que está em vias de desaparecer.

A 30 Abril de 1919 nasceu na Corte António Martins, António Francisco, filho de agricultores.

Nesta localidade, existia uma oficina de sapateiros pertencente ao casal António e Catarina Gonçalves, grandes proprietários de terrenos agrícolas e das vendas da Corte António Martins (sapataria, taberna e venda). Algumas crianças da aldeia desde muito cedo frequentavam a oficina de sapateiros, curiosos para conhecer este ofício, sendo que alguns deles, como é o caso de António Francisco, se tornaram aprendizes deste estabelecimento, auxiliando os sapateiros mestres na elaboração de sapatos em troca do conhecimento que adquiriam sobre esta profissão. Só após anos de experiência se podiam tornar mestres do ofício.

Em 1943, com 24 anos, António casou com Maria Domingas, também natural da Corte António Martins, na Igreja da Nossa Senhora da Assunção em Cacula Velha, indo morar para o monte do Salão, na localidade do Faz-Fato, já no concelho de Tavira. É neste monte que António Francisco abre a sua oficina de sapateiro, adaptando uma das divisões da sua casa de residência. (ver esboço da planta da casa)



Esboço da planta da casa de António Francisco

Foi nessa casa que iniciou o ofício de sapateiro, por conta própria, recebendo clientela dos montes de proximidade (Carrapateira, Vales dos Ebros, Nora, Monte do Serro, Estorninhos, entre outras localidades) onde não haviam sapateiros. Acresce ainda que, a determinada altura, a oficina de sapateiros de António Gonçalves da Corte António Martins encerrou, aumentando ainda mais a clientela de António Francisco que, entretanto, se torna conhecido por Ti António do Salão (devido ao nome do Monte). Nesse mesmo monte, para além do sapateiro e da sua família, residiam também mais 2 famílias: a do ferreiro e a da mercearia. Era portanto um monte dedicado ao comércio que tinha muito movimento por parte de clientes de toda a região.

Para a confecção dos sapatos, António Francisco ia abastecer-se das matérias primas e dos instrumentos de trabalho a Tavira, ao estabelecimento comercial de Júlio Correia, perto do Largo da Alagoa. Este senhor, para além de ser sapateiro, fornecia todo o material necessário à concepção de sapatos (peles, solas, fios, cera que usava para pôr nos fios, palmilhas, tintas) e ferragens (agulhas, formas em madeira, em ferro, furadores, sovelas, ilhós, entre outras) aos vários sapateiros da região.



Estabelecimento comercial de Júlio Correia, fornecedor de António Francisco.

Já com o material de trabalho, António Francisco sentava-se em frente à sua mesa de trabalho (ver rubrica *Objecto com História*) e aí começava o processo de criação dos seus sapatos.



António Francisco junto à sua mesa de trabalho.

Tudo começava por tirar as medidas do pé ao cliente (homem, mulher ou criança), escolher a forma do modelo de sapato (botas e sapatos de trabalho ou de lazer, sandálias, etc.) e a pele a usar (António Francisco usava sobretudo pele de vaca ou vitelo embora outras peles pudessem também ser usadas como a de porco, carneiro, cavalo ou cabra). Feitas as escolhas, passava para o processo de moldagem, primeiro feito em papel e depois passando para a pele. “A forma depois ficava dentro do sapato que ia fazendo. Depois fazia o molde que cosia na máquina de costura. Fazia buraquinhos, enfeites. Depois ia esticando e pregando com preguinhos. Quando estava tudo pronto na parte de cima era a vez de cortar e colocar a sola. Deixava-a ficar de um dia para o outro ou 2 dias. Nessa altura ainda não se usava cola, era tudo cosido. Depois pregava a sola à palmilha com pregos e só no final, quando já tirava a forma, é que punha a sola de fora, a sola bonita. Depois deitava-lhe a tinta com pincel. Tinha depois as ilhoses para fazer bura-

cos e pôr as anilhas onde depois se passavam os atacadores”. “Não havia lima para limar os sapatos, era com um vidro. Naquele tempo usavam-se botas cardadas com os pregos e as brochas para não estragar a sola. Eram em ferro, punha-se à frente e atrás do sapato. Cada sapato levava 3 ou 4 correntes de brochas. E depois ao meio. Os sapatos duravam anos e anos. Eu tenho uns feitos pelo meu sogro que já têm mais de 30 anos. Vou com eles aos bailes. (Maria de Fátima Francisco e Morais João Domingos, filha e genro, Pocinho)



Sovelas



Formas



Máquina de costura



Sapatos finos feitos por António Francisco

Para além de realizar e reparar toda a variedade de sapatos, António Francisco fazia ainda carteiras e malas em pele, artigos procurados também pelos seus clientes.

Ao longo da sua vida de sapateiro trabalhou sempre sozinho ainda que em dadas alturas recebesse aprendizes. No entanto, não há recordações de que algum deles tenha seguido esta profissão. Teve 3 filhas que seguiram também rumos diferentes nas suas vidas profissionais pelo que este ofício terminou na família com a morte de António Francisco em 1997. Trabalhou mais de 50 anos como sapateiro e continuou o seu ofício já depois de se reformar, de forma menos intensa e em conciliação com o trabalho de pedreiro, uma vez que, entretanto, a procura de sapatos feitos artesanalmente foi decaindo com o surgimento da indústria de calçado a preços mais acessíveis às famílias.

Durante a segunda metade do séc. XX assistiu-se a uma mudança do processo produtivo que dependia da habilidade do artesão em trabalhar a pele utilizando técnica de modelagem e confecção (o trabalho que era considerado uma arte) para uma forma de produção dependente de máquinas, fragmentada em etapas que simplificaram cada vez mais o trabalho à medida em que as máquinas se tornavam mais complexas. “O saber do sapateiro que se identificava com seu ofício foi apropriado pela fábrica. (...) o antigo “ofício” foi modificando-se e com ele a identidade do sapateiro que passou a se considerar cada vez menos um artista e cada vez mais um operário” (Teresa Malatian, “Memória de sapateiros” in Conteúdos e didáctica da história, UNESP, São Paulo)

Na região do Algarve, em 2021, o livro Red Book, Lista vermelha das actividades artesanais algarvias identifica a existência de 6 sapateiros em actividade, nos concelhos de Lagos, Loulé, Monchique, São Brás de Alportel e Silves, alguns mais antigos mas também novos sapateiros que, a partir dos conhecimentos, técnicas e instrumentos antigos, criam, para os modelos mais tradicionais, calçado e acessórios com novo design e novas cores, que procurem responder ao gosto do clientes. O profissional mais novo, Fernando Gonçalves, com pouco mais de 40 anos e do concelho de Silves, investiu na sua formação e trabalha a tempo inteiro neste ofício, não só tendo a porta da sua oficina aberta aos clientes como participando nas feiras e mercados da região, nomeadamente nos Mercadinhos de Cacela Velha.

#### Depoimentos orais:

Maria de Fátima Francisco (filha do sapateiro) e Morais João Domingos (genro do sapateiro)



# RECEITA

## Broas dos Santos, receita de Maria de Fátima Francisco

### INGREDIENTES



- 2 batatas cozidas
- 1 kg de farinha branca de neve
- 500 gr de açúcar
- 6 ovos
- 1 cálice de aguardente
- Fermento de padeiro
- Manteiga
- Canela
- Erva-doce
- Amêndoas, nozes, passas, figos, amendoins



### Preparação

- Esmague as batatas cozidas e junte com a farinha, açúcar, fermento, manteiga, canela e erva-doce;
- Bata tudo e acrescente os ovos e um cálice de aguardente;
- Depois de tudo bem amassado acrescente as amêndoas, nozes, passas, figos ou amendoins, conforme o gosto, tudo bem picado;
- Amasse mais um pouco e deixe levedar;
- Quando a massa estiver levedada, tende-se em bolas que se colocam num tabuleiro enfarinhado, bem separadas umas das outras;
- Leve a cozer no forno não muito quente (180 graus), durante 15, 20 minutos.
- Depois de cozidas, estão prontas a ser degustadas. Bom apetite!

Por altura do Dia de Todos os Santos, era costume a celebração do Pão por Deus. As crianças iam de porta em porta pedir o Pão por Deus. As famílias ofereciam às crianças figos cheios, estrelas de figo e bolinhos ou broas dos Santos, também conhecidos em algumas regiões por Santorinhos.

## Conto

*O Sapateiro pobre*

Era um sapateiro pobre. Era muito pobre e tinha muitos filhos. Ele cantava todo o dia, ao bater os sapatos. A mulher ia para a horta e cantava. Os garotos brincavam, brincavam, eram muito felizes. Eram uma família muito feliz.

Na frente, na outra rua, morava um homem muito rico, e estava ali sozinho a ver os amigos a dançar, a cantar... e ele pensava assim:

– Eu tenho tanto dinheiro e não sou feliz, e o sapateiro está ali todo o dia a trabalhar, trabalha até à noite, com um candeeiro que quase não se vê nada, uma lanterna com azeite... Ai, eu vou fazê-los felizes. Dou-lhes um saco de dinheiro.

Pronto, ficaram felizes? Não ficaram, não senhor. Porque sabem, primeiro tiveram de contar o dinheiro, portanto deixaram de cantar. O homem que antes à noite até tocava viola, agora não podia ser, ficavam a contar, a contar, a contar com medo de se enganarem. Os filhos começavam a fazer barulho.

– Estai calados. – E alguns levaram uma palmada no rabo para estarem calados.

– Tudo aqui quieto, eu e a tua mãe estamos contar o dinheiro. – E os garotos uma desgraça...

E depois de contarem o dinheiro, que era tanto, tanto.

– Olha lá, o que é que lhe vamos fazer?

– Olha, eu cá comprava... fazia uma casa, pronto, fazia uma casa.

– Ah, eu não, sou filha de um lavrador, toda a vida tive um desgosto, não tenho terras, compram-se terras.

– Ah, eu terras nem pensar, agora eu viver na casa aqui contente com os meus filhos, com a minha viola, e agora vou para lá e depois ainda tenho de andar com trabalhadores e isso tudo...

ná.

Era uma grande dor de cabeça.

– Então o que vamos fazer?

– Olha enterra-se.

– Enterra-se? E se depois o roubam?

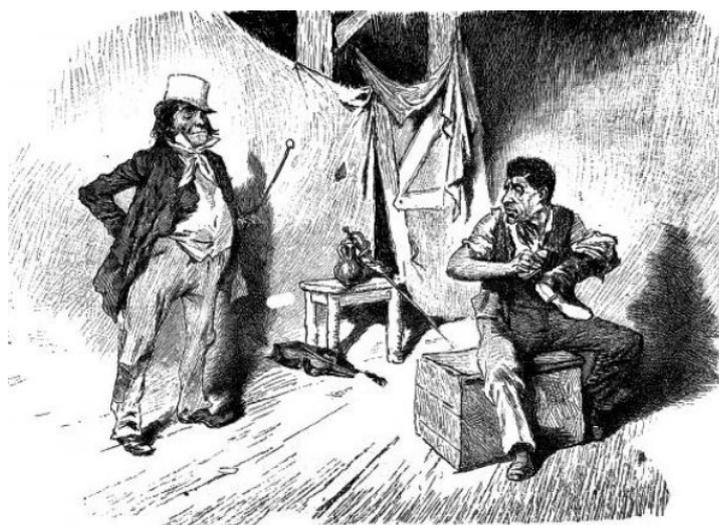
– Olha qu'esta! Olha pomo-lo a render.

– Ganhamos os juros!? Isso é ser vigarista. Não!

Nós somos pobrezinhos, mas somos honrados. Não vamos pôr o dinheiro ainda a render mais, então foi-nos dado e agora vamos por os outros a pagarem-nos juros?! Nós não somos assim tão malvados. Mas às tantas, olha, já andavam... nenhum se entendia. Os garotos já choravam por todos os lados porque ninguém os podia ouvir, porque o pai e a mãe perderam a paciência. E eles perderam a paciência um com o outro.

Sabem o que é que eles fizeram? Meteram o dinheiro dentro de um saco. Foram a levá-lo ao vizinho outra vez, e disseram:

– Agradecemos muito, mas nós quando eramos pobres, eramos alegres. Agora está a tudo à bulha lá em casa. Não queremos o dinheiro. O que queremos é ser felizes.



*Conto contado por Maria do Carmo Roxo Nogueira, nascida na Aldeia Nova do Cabo em 1937. Ouvia e aprendeu com a família aos serões à lareira, e também no trabalho no campo. Recolhido pelos alunos da turma EBI Alcaria, Fundão. in “De boca a orelha. 365 tesouros do Património Oral das 4 Cidades”, Edição dos Municípios do Fundão, Marinha Grande, Montemor-o-Novo e Vila Real de Santo António, 2018.*

# VAI ACONTECER...

## EXPOSIÇÕES

### “PROFISSÕES ANTIGAS DE CACELA”

CIIPC /CMVRSa

Antiga Escola Primária de Santa Rita

## PRESÉPIO ALGARVIO

Elaborado com a comunidade de Santa Rita

CIIPC /CMVRSa

Antiga Escola Primária de Santa Rita

De 7 de Dezembro a 5 de Janeiro

### Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00

## MAGUSTO NA ALDEIA DE SANTA RITA

10 de Novembro, a partir das 15h

CIIPC /CMVRSa

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Para a comunidade local

## OFICINAS (Sujeito a inscrição prévia)

### “CADA CACO COM O SEU USO”

Lavagem, identificação e funcionalidades dos “cacos”

Venha conhecer os achados cerâmicos do período islâmico do sítio do “Poço Antigo”, Cacela Velha

CIIPC/CMVRSa, Antiga Escola Primária de Santa Rita

12 Novembro (Domingo), das 15h00 às 18h00

Para público em geral.

Gratuito. Máximo de 14 pessoas

### “CRIA O TEU PRESÉPIO ALGARVIO”

CIIPC/CMVRSa, Antiga Escola Primária de Santa Rita

Sábado, 2 de Dezembro, das 15h às 17h30

Para público em geral e comunidade local

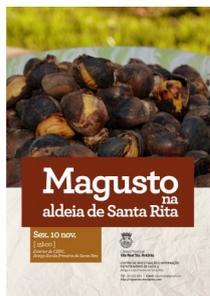
Gratuito. Máximo de 12 pessoas

## MERCADINHO DE NATAL

Mercadinho de artesãos, produtores alimentares e artigos de 2ª mão/velharias

Cacela Velha, 3 de Dezembro, das 10h30 às 17h00

CIIPC/CMVRSa e ADRIP



## PROVÉRBIOS DE SAPATEIROS

- Não queira o sapateiro tocar rabeção.
- Não queira o sapateiro ir para além do chinelo.
- Alfaiate, mal vestido; sapateiro, mal calçado.
- Quem casa com sapateiro, lambe cola o ano inteiro.
- Em ferreiro não pegues, em farmácia não proves, em sapateiro não sentes.
- O que mata o sapateiro, cura o barbeiro.



Câmara Municipal  
Vila Real Sto. António

## FICHA TÉCNICA

**Edição:** Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Divisão de Cultura e Educação/ Subdivisão de Cultura e Património

**Coordenação e redacção:** Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela

**Colaboração:** Cândida Justo, Maria de Fátima Francisco, Morais João Domingos, Romano Justo, Rui Palmilha

### Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com

Facebook: CIIP CACELA